

A SOLIDÃO DELA SÓ: ESTUDO DO CONTO A IRMÃ DELE SÓ, DE ALDYR GARCIA SCHLEE

CAMILLA LOURENÇO COUTINHO¹; NATALIA NEY RODRIGUES²; CARLA DANIELA RABELO RODRIGUES³

¹*Universidade Federal do Pampa - lc.camilla@gmail.com*

² *Universidade Federal do Pampa - n.cabuga@gmail.com*

³*Universidade Federal do Pampa - procarlarabelo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A literatura do Estado do Rio Grande do Sul aborda frequentemente a fronteira como um local de grandes trocas, sejam elas comerciais, sociais ou culturais. Mais ainda, a fronteira é um espaço de vivência e conhecimento interno e externo, espaço que simbolicamente não pertence nem a um e nem a outro, espaço marcado pelo duplo pertencimento cultural.

Em *Uma Terra Só*, o escritor Aldyr Garcia Schlee, trata a questão da fronteira e suas relações, destacando a solidão como algo presente nos personagens fronteiriços. Na leitura é possível perceber que a fronteira demonstrada pelo autor como uma terra só, onde há uma só gente, em ambos os lados, representa um palco para a solidão. A solidão de estar só no campo, a solidão ao estar acompanhado, a solidão pela perda ou a solidão por simplesmente se estar só. Um dos contos publicados neste livro, *A Irmã dele Só*, é fortemente marcado por uma atmosfera de solidão. A solidão do ser humano em relação a si e ao outro, a solidão pessoal e a social que depende do outro.

Nosso objetivo é analisar a solidão presente no conto *A Irmã dele Só* - publicado em 1984 por Aldyr Garcia Schlee - através da decomposição de suas partes constitutivas, a fim de compreender as relações entre os personagens, ressaltando os traços identitários da personagem feminina anônima no conto, buscando entender de que maneira a solidão se apresenta e se faz relevante na obra.

2. METODOLOGIA

Para compreender a obra, foi realizado um estudo - através de fichamentos e leituras - sobre o conto, analisamos os pensamentos, as ações e as situações vividas pela personagem. Observamos também o contexto onde a história ocorre: a vida na fronteira, traços culturais e regionais, relações de gênero e dominação. A partir dessas observações, buscamos entender a construção da solidão na personagem Irmã, e quais são os efeitos desse sentimento durante o desdobrar do conto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a leitura e análise do conto, observamos muito mais do que apenas uma singela descrição da vida na fronteira, muitas vezes lembrada apenas como "um limite sem limites", que proporciona passagem, avanço sobre suas próprias barreiras, criando misturas que permitem o surgimento do novo (PESAVENTO, 2002, p. 36). Aldyr Garcia Schlee aponta em suas entrelinhas problemas sociais gerados por uma cultura repleta de traços patriarcais, que estão diretamente relacionados à solidão sentida e vivida pela Irmã.

A partir da análise do texto foi possível fazer uma ligação direta com o título do conto. *A Irmã dele* Só nos conta muito sobre a opressão sofrida por diversas mulheres diariamente. Essa sujeição, muito além do fator geográfico, gerou na personagem Irmã sentimentos característicos da solidão, como o de desamparo, abandono ou desvalorização durante a vida (VERDI, 2010, p. 19). Compreendemos, então, que a rotina da personagem, a qual era submetida pelo irmão – “o desgraçado do irmão sujeitando-a no rancho, ano a ano, com promessas de emprego, disso e daquilo.” (SCHLEE, 1984, p. 18) – era degradante e deprimente, ressaltando a solidão que é intrínseca à raça humana, faz parte da sua própria natureza (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 564).

Constatamos o abandono por parte do irmão logo nas primeiras linhas do conto: “Bem distante de Presidente Vargas morava a irmã dele. Quer dizer: moravam os dois. Mas ele só aparecia de vez em quando, de passada [...]” (SCHLEE, 1984, p. 13).

O descaso e a opressão ficam evidentes nas páginas seguintes: “Caminhou até o catre e pegou uma coberta, sem se animar a reencarar o irmão que, decerto, estava pronto a pegar-lhe uma bordoada como em outras vezes quando ela lhe saíra atravessado.” (SCHLEE, 1984, p. 17).

Esses fatores somados a rotina excruciente da personagem, que “levantava, mateava capinava, varria, lavava, cozinhava, comia, sesteava, acordava, lavava, varria, mateava, dormia.” (SCHLEE, 1984, p. 13), e com a realidade imposta de que “ela só conversava com a vizinha de vez em quando, não via gente, era a enorme granja em frente, a estradinha no meio, e o campo enorme atrás, céu em volta, ninguém à vista, nunca.” (SCHLEE, 1984, p. 17), impunham a Irmã em um estado persistente de solidão.

4. CONCLUSÕES

Através deste estudo, podemos perceber que *A Irmã dele* Só trata-se de um conto um tanto enigmático. Constatamos que a fronteira como sinônimo de trocas, aproximação e convivência, até certo ponto está presente na narrativa, afinal, o irmão ganha a vida a partir da realidade do contrabando, um outro forte traço cultural dessas regiões. O autor também apresenta o irmão como um personagem bem resolvido, que possui controle sobre sua vida, ao mesmo tempo que controla a vida da irmã, o que nesse caso, em específico, ocorre somente graças ao espaço da fronteira.

Todavia em qualquer um dos significados e sentidos que ao texto possa ser atribuído, o que permanece é a solidão da personagem: uma mulher que tem por ocupação ser apenas a irmã dele. Uma mulher que vive a esperar por uma boa nova que está cada vez mais distante, que a deixa dia após dia ainda mais solitária. Ou ainda, uma mulher que vive isolada, apegada apenas a uma rotina que não retrocede e também não avança.

Ressaltamos que este trabalho faz parte de um levantamento que pretende analisar os contos que integram o livro “Uma Terra Só”, a fim de compreender a solidão presente na obra do autor fronteiriço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SCHLEE, A.G.. **Uma Terra Só**. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MONTAIGNE, M. **Os ensaios – livro I**. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- LEENHARDT, J. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, M.H. (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2002. Cap.1. p.27-34.
- PESAVENTO, S.J. Além das fronteiras. In: MARTINS, M.H. (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2002. Cap.1, p.35-39.
- SCHLEE, A.G. Integração cultural regional. In: MARTINS, M.H. (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia/SP: Ateliê editorial, 2002. Cap.2. p.61-64.
- VERDI, M.T. Vínculos: antídoto da solidão. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, São Paulo, v.11, n.2, p.17-23, 2010.
- SILVA, A.F. **Aldyr Schlee e o Entrelugar: a questão da fronteira em Uma Terra Só**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria.